

EDITORIAL

INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade avança em seu projeto de oferecer à comunidade de investigadores do fenômeno religioso mais um precioso número, sendo este com um dossiê sobre Filosofia da Religião – Parte I.¹ A secular tradição de investigação filosófica sobre o fenômeno religioso, ao lado do pensamento teológico, hoje se soma aos inúmeros esforços de outros cientistas que se dedicam a compreender os vários matizes do fenômeno religioso. Essa realidade implica as múltiplas visões a que está submetido o rico universo das expressões religiosas em todos os tempos e culturas. O número atual chega aos leitores logo após o recente Congresso da Associação Brasileira de Filosofia da Religião, ocorrido na Universidade de Brasília no último mês de novembro. Em parte, essa publicação faz eco desse importante encontro dos pesquisadores (as) da disciplina filosofia da religião.

O presente número traz um importante artigo de abertura do Prof. João Augusto Amazonas Mac Dowell intitulado *Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico*. O autor procura responder à questão “o que é a filosofia da religião e o seu lugar no debate filosófico”. Mac Dowell destaca a centralidade e atualidade da disciplina na reflexão filosófica. O artigo perpassa algumas das principais modalidades da filosofia da religião identificando, em cada caso, o seu surgimento e os desdobramentos no contexto do pensamento filosófico ocidental. Vários são os autores com os quais dialoga o autor, o que muito enriquece a capacidade de percepção sobre o estágio do debate nesse campo. O jesuíta privilegia o diálogo com os autores modernos e contemporâneos, descrevendo e analisando a posição de cada um deles a respeito da questão central do pensamento filosófico sobre a religião. O artigo de Mac Dowell perfila a questão religiosa no âmbito do pensamento de forma a apresentar, com sua reflexão, a situação atual sobre a questão de Deus e da religião construindo um texto que favorece o que o autor denomina de um panorama da Filosofia da Religião.

¹ A Parte II será publicada no próximo número.

Com o artigo sobre *Ceticismo e Religião em Montaigne*, Marcelo da Costa Maciel discute a base do que seria a articulação de duas tradições de pensamento como o ceticismo e o fideísmo. Por um lado, demonstra o autor, des prende-se uma perspectiva que reexamina as pretensões cognitivas humanas e, por outro lado, a perspectiva da supremacia da fé sobre a razão quando está em questão o conhecimento de Deus. O autor desenvolve em seu texto a abordagem de Montaigne sobre a crítica à vaidade da razão humana, um otimismo racionalista. Tal crítica é considerada pelo autor como base para o fideísmo cético inaugurado por Montaigne, o primeiro passo para a conciliação entre fé e ceticismo. O segundo passo surge, destaca o autor, da constatação da incognoscibilidade de Deus para o homem bem como de seu caráter infinito. Com apoio no texto de Montaigne e em textos de Richard Popkin e outros autores, o autor do artigo defende o que chama de harmonização cético-fideísta em Montaigne. Tal posição colocaria um limite ao puro ceticismo na medida em que o articularia a uma fé, vista como condição de possibilidade para o acesso à verdade. Por fim, realça Maciel, só o abraço divino é o que pode superar a incapacidade humana para descobrir a verdade. O artigo se desenvolve na direção da explicitação da razão que teria levado o pensador a aderir ao catolicismo, retratando um caso de adesão cética às crenças e costumes tradicionais.

Alguns problemas da crítica humeana à existência dos milagres e ao uso do testemunho é o artigo de Luís Felipe Lopes. O autor discute, a partir da tentativa de fundamentar uma nova ciência do homem, com base no princípio da experiência segundo Hume, as principais críticas do filósofo sobre a crença em milagres. O artigo demonstra, para analisar o tema, os principais aspectos da filosofia humeana. Tendo esclarecido esses princípios, infere-se que a questão da crença na existência de milagres não pode encontrar um fundamento racional empiricamente demonstrado. Lopes destaca, em seu artigo, como, para Hume, os eventos miraculosos são concebidos como algo irracional e ilusório. O texto ainda conclui que o filósofo empirista, no afã de criticar a questão da crença em milagres, acaba por refutar alguns princípios de sua filosofia.

Elisabete M. de Sousa, em seu artigo sobre *Kierkegaard e Schiller em Temor e Tremor*, demonstra em seu artigo que o pensador dinamarquês apropria-se de vários conceitos do pensamento de Schiller. O artigo desenvolve o que a autora defende como simbiose de conceitos estético-éticos tais como a graciosidade e a dignidade. Ao longo do artigo, podemos acompanhar o comparativo conceitual elaborado por Sousa entre esses dois grandes pensado-

res. O estudo se desenvolve a partir da hermenêutica teológica e filosófica em perspectiva comparada de *Tenor e tremor* e *Anmut und Würde*. Sousa aborda o confronto entre esses autores considerando em seus textos os planos poético e filosófico. A autora lusitana resgata em seu artigo a influência do pensador alemão na obra do pensador dinamarquês, particularmente em sua concepção ético-religiosa.

A experiência mística entre a psicologia e a metafísica é o título do artigo com o qual Pablo Enrique Abraham Zunino objetiva discutir a experiência mística, considerando a obra de William James sobre *As variedades de experiência religiosa*, de 1902, como referência. Em seu texto, Zunino investiga diversos estados místicos a partir dos quais o autor considera possível avaliar de que modo a filosofia pode pensar a dimensão mística nos limites da experiência. Tomando James como guia em sua argumentação, o autor destaca os aspectos psicológicos do misticismo em detrimento da especulação metafísica. Ao abordar o tema, Zunino inicia por definir aspectos dos estados místicos de consciência, como a inefabilidade, a qualidade noética, a transitoriedade e a passividade. Determinando os sentidos de misticismo e místico, o autor destaca os graus da experiência mística, dos eventos mais próximos à vivência cotidiana à abordagem de questões patológicas, para poder averiguar o sentido da verdadeira experiência. No estudo, sob o horizonte de William James, Zunino discute a relação entre misticismo, religiosidade, verdade e autoridade, além da relação entre filosofia e experiência mística. Não obstante, sua conclusão aponta para o abandono da teologia metafísica, pois, referindo-se a James, destaca ainda o caráter da verdade que ultrapassa toda formulação verbal.

Em seu artigo sobre *A religião como caminho de liberdade na reflexão de Abraham Joshua Heschel*, Paolo Cugini apresenta, no horizonte cultural contemporâneo, a filosofia do rabino polonês. Particularmente, o autor se detém na discussão sobre a íntima relação entre religião e liberdade, um dos temas mais importantes da época atual. Nesse horizonte, frente ao enfraquecimento do papel da religião, Heschel, destaca Cugini, propõe a revalorização da interioridade, o que se propõe pela via da oração. O artigo desenvolve algumas das teses sobre a época contemporânea a partir das quais se procura discutir a relação religião e liberdade no contexto atual. O artigo de Cugini sobre o filósofo da religião que foi Heschel desenvolve, por um lado, a questão da crise da religião e a busca de seu sentido, e, por outro lado, o caminho para a liberdade a partir da vida interior. A meta definida no texto aponta para o desenvolvi-

mento da vida interior como o lugar mais próprio para a abertura do mistério. Essa é, concorda o autor, a essência da religião como liberdade.

É possível alguém sustentar uma crença em Deus sem precisar dar razões de sua crença? Esta é a questão que persegue Bruno Henrique Uchôa em seu artigo sobre *Epistemologia Reformada, Anuladores e evidencialismo*. O autor se orienta pela perspectiva de Alvin Plantinga e sua epistemologia reformada. Uchôa demonstra em seu artigo que, embora crenças apropriadamente básicas possam ser formadas em condições favoráveis, existem condições ditas desfavoráveis, que dificultam a formação de tais crenças. Considerando que essas condições desfavoráveis podem colocar em risco a crença teísta, o artigo reforça a restauração de tais condições por meio de razões evidenciais, buscando anular o argumento ateísta. No primeiro momento, o autor apresenta a gênese da proposta de Plantinga e, no segundo momento, desenvolve a explicação de garantia epistêmica e sua aplicação à filosofia da religião do autor. Embora a crença em Deus, segundo Plantinga, esteja entre as crenças básicas, aquelas para as quais não se necessita de um argumento ou evidência que as apoie, essa crença pode ser minada por uma evidência. Neste caso, demonstra Uchôa, segundo seu referencial teórico, é preciso uma contra-evidência anuladora da evidência anuladora primária. Esta situação, sustenta o autor, demonstra que Plantinga faz concessões evidencialistas. Tal aspecto está desenvolvido na terceira e última parte do artigo onde ele sustenta que a Epistemologia Reformada de Plantinga e o teísmo evidencialista de Richard Swinburne e William Lane Craig não são conflitantes, mas complementares.

Abrindo a seção Artigos, o escritor e teólogo italiano Paolo Garuti, em seu texto *Les Anges dans la bible* oferece um percurso no qual o tema pode ser compreendido na literatura bíblica. Rico em citações, o texto de Garuti atravessa a literatura dos primeiro e segundo testamentos. O percurso do autor neste artigo se faz em um horizonte bíblico-teológico e histórico comparativo. Trata-se de uma ocasião para aproximar-se de um tema que, longe de ser inatual, faz parte do imaginário profundo com evidentes raízes na fenomenologia religiosa de nossas tradições.

Mauro Rocha Baptista é o autor de *O messianismo kafkiano como crítica ao moderno estado de direito*. Considerando a produção literária de Kafka, o autor procura entender, em perspectiva analítica, a crítica do pensador ao moderno estado de direito como um messianismo. Entenda-se neste contexto, o Estado na ótica de Kant e Hegel. Em um diálogo claro e direto com as obras

de Kafka, o autor vai tecendo sua argumentação a favor da tese que defende. Em Kafka, sustenta Batista, a religiosidade negativa do messianismo apresenta as insuperáveis limitações inerentes à realidade presente, tese também sustentada por outro grande leitor de Kafka que foi Albert Camus. Em relação ao paradoxo representado pela lei, o autor nos brinda com um embate entre as perspectivas hegeliana e marxista. O artigo sustenta que há, inclusive, uma aproximação entre a crítica de Marx e os heróis de Kafka. Contrapondo a religiosidade institucional e a religiosidade negativa de Kafka, Batista aponta para o necessário desmoronamento do estado de direito. Isso significa, como se poderá ler no artigo, que o estado messiânico acontecerá apenas quando se conseguir derrubar o estado de exceção encarnado no estado de direito.

A sessão Debates traz um artigo de Markus Knapp, traduzido por Arthur Grupillo, intitulado *Fé e saber em Jürgen Habermas*. O autor discute a tese da secularização que, ao que pareceria, poderia ter produzido a marginalização da religião. Dado que não é esta a situação, o autor demonstra como, a partir do pensador alemão, se pode ainda hoje discutir a relação entre sociedade e religião e, nesse contexto pós-secular, a questão do desenvolvimento das biociências. O artigo trabalha, em um primeiro momento, o sentido de uma sociedade pós-secular, procurando ultrapassar o sentido que poderia ter esta expressão em um horizonte linear. Discutindo a situação do desenvolvimento das biociências, o autor apresenta como Habermas problematiza essa realidade a partir da questão moral. Considerando o papel da religião, o autor demonstra como, para o pensador alemão, há uma compreensão da coexistência entre filosofia e religião. Neste horizonte, fé e saber se entendem como partes constitutivas da mesma razão secular. Esse é, portanto, o sentido do pós-secular destacado no artigo em pauta. Porém, além disso, o artigo destaca o papel da religião na esfera pública. Não se trata de ocupar um lugar privilegiado para a religião no contexto plural e laico, pois tal lugar não é mais possível no contexto contemporâneo. O cenário atual implica um mútuo reconhecimento entre crentes e descrentes em todos os debates concernentes à esfera pública. Particularmente, isso implica, como sugere a última parte do artigo, um reposicionamento da religião numa sociedade pós-secular marcada pelo desafio ético-moral plantado pelo desenvolvimento das biociências. Para isso, os discursos teológicos, num contexto secular, no que se referem à autocompreensão humana devem supor a contingência, a noção de limite da autodeterminação autônoma e, ainda, de que o ser humano não é ilimitado. Tais princípios demonstram-se favoráveis ao princípio antropológico de uma solidariedade na contingência, deficiência,

imperfeição e limitação frente ao que passa a impedir manipulações arbitrárias, esclarece a posição de Knapp.

É imprescindível conferir a primorosa resenha preparada por Antonio Alves de Melo sobre *O debate sobre Deus: razão, fé e revolução*, de Terry Eagleton, com tradução de Regina Lyra, publicado na Editora Nova Fronteira em 2011. Nela Alves de Melo realça, ao mesmo tempo em que permeia seu texto com reflexões próprias, questões muito instigantes a respeito de alguns dos muitos equívocos levantados por Eagleton sobre esse debate que parecia acabado diante do que se passou a denominar era pós-teológica, pós-metafísica, pós-histórica. A questão de Deus, ressurgida repentinamente, insiste em se manter atual para todos os que se preocupam com o presente e o futuro do mundo e da humanidade. Os leitores poderão conhecer também neste número a tradução de Mateus Soares de Azevedo para o capítulo *A contradição do relativismo*, de Frithjof Schuon, em sua obra *Logique et transcendance*.

Os editores de Interações – Cultura e Comunidade agradecem à FAPEMIG o apoio financeiro recebido para a versão impressa deste número e também ao Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal - Presidente da Associação Brasileira de Filosofia da Religião, que muito contribuiu para o envio dos artigos de Filosofia da Religião provenientes das exposições feitas no IV Congresso de Filosofia da Religião.

A todos, uma boa leitura!

Prof. Dr. Flávio Senra

Membro do Conselho Editorial
Chefe do Dpto. de Ciências da Religião da PUC Minas
Coordenador do PPGCR PUC Minas
Presidente do Conselho Diretor da ANPTECRE
(Biênio 2010 – 2012)